

Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white, sans-serif font centered within a solid blue rectangular background.

Niilismo e mercadejo ético brasileiro [Brazilian ethical nihilism and marketing]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Junges, Márcia
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-06-20 22:45:48
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/160310

Niilismo e mercadejo ético brasileiro

Corrosão “de alto a baixo” no caráter de indivíduos e grupos e supervalorização do mercado são traços peculiares do niilismo em terras brasileiras, acentua o filósofo Roberto Romano. A ocidentalização do mundo pulverizou o etnocentrismo dissolvente dos paradigmas milenares

POR MÁRCIA JUNGES

“O século XX consagra o padrão ocidental de vida, de valores, de técnicas e ciências”, não sem receber reações contra essa “pulverização axiológica do Ocidente”, pondera o filósofo Roberto Romano em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**. Refletindo sobre o nexo que une niilismo ético e relativismo de valores no século XXI, afirma que “vivemos sob o signo das Luzes europeias e do etnocentrismo que ajudou a corroer paradigmas éticos milenares, no Ocidente e no Oriente”. Romano assinala haver no Brasil “uma peculiar corrosão ética não alheia ao capitalismo, como nas práticas do favor que atravessam todas as relações sociais e políticas”. Em sua opinião, vivemos num “mercadejo ético”, no qual “o caráter dos indivíduos e grupos é corroído de alto a baixo”. E continua: “Nosso Estado preza mais o mercado (inclusive eleitoral) do que as pessoas. Aqui, todos são meios e raros conseguem, pagando preço altíssimo, viver consigo mesmos o segredo da consciência moral. O mercado exerce uma corrosão previsível e impiedosa em todos os setores da vida, incluindo a universidade”. Questionado se o projeto político moderno está arruinado, disse que é arriscado dar um veredito. “Se irá prosperar em detrimento das grandes matrizes éticas e religiosas, não sabemos”.

Roberto Romano cursou doutorado na École des Hautes Études en Sciences Sociales - EHESS, na França, e é professor de filosofia na Universidade Estadual de Campinas - Unicamp. Escreveu, entre outros, os livros *Igreja contra Estado. Crítica ao populismo católico* (São Paulo: Kairós, 1979), *Conservadorismo romântico* (2ª ed. São Paulo: Ed. UNESP, 1997) e *Moral e Ciência. A monstruosidade no século XVIII* (São Paulo: Senac Ed., 2002). Atualmente, leciona na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Confira a entrevista.

IHU On-Line - O que explica o niilismo ético e o relativismo de valores que presenciamos no século XXI?

Roberto Romano - Seria tarefa própria a quem se caracteriza pela *hybris* discorrer sobre todos os prismas da pergunta. Ela é importante, diria mesmo que vital, mas numa entrevista as respostas tomariam no dogmatismo ou na superficialidade. Posso evocar a fábula que narra como produzimos a forma que reconhecemos hoje em nós e nos nossos iguais. Para a fábula, uso noções trazidas pelo saudoso André Leroi-Gourhan¹. Os homens construíram seu corpo e mente em milênios de tecnologia. Eles verticalizaram a espinha,

diminuíram o queixo, aumentaram a caixa craniana e alargaram o campo de visão, o que tornou possível perceber as gradações de espaço e tempo. “Somos inteligentes, porque ficamos de pé”, diz o etnólogo. Eles diminuíram os braços e os tornaram capazes de operar com as mãos e a boca, inventaram a linguagem. Fabricaram instrumentos que permitem agarrar entes naturais dando-lhes sentido útil. O sistema inteiro ainda hoje está em progresso, sobretudo no lado tecnológico. Na faina incessante, idealizaram paradigmas a serem obedecidos nos macroeventos e microeventos da vida coletiva e individual (o indivíduo foi invenção técnica). Na história de todo o nosso parto, diz Gourhan, usamos capacidades contraditórias, o emprés-

timo e a invenção. Nenhum coletivo humano vive sem emprestar técnicas, cultura e valores de outros. E nenhum deles se desenvolve sem possuir força inventiva própria. Só pode emprestar com eficácia quem for capaz de inventar, e vice-versa.

Em momentos anteriores de nossa apropriação de corpo e mente, valores serviram como paradigmas de ação para os mais diversos grupos. Mas desde longa data os entes humanos entraram em circuitos amplos e diversificados de trato, uns com os outros. Se prestarmos atenção nos complexos civilizatórios, da China ao Egito antigo, da Grécia a Roma, do Renascimento aos nossos dias, nenhum deles é imune à dialética da invenção e do empréstimo. Isso, sem falar na pilhagem

¹ André Leroi-Gourhan (1911-1986): arqueólogo, paleontólogo, paleoantropólogo e antropólogo francês, interessado ainda em tecnologia e estética. (Nota da IHU On-Line)

de saberes e técnicas, como no caso do Ocidente que assaltou os conhecimentos chineses e orientais durante as chamadas “Grandes Descobertas”. E também o que se passa no trato industrial, quando roubos de tecnologia são costumeiros de país a país. Quanto mais amplo e eficaz, para seus habitantes, o amálgama de valores e técnicas, maior poder possui um coletivo, inclusive porque os empréstimos e invenções são dirigidos, quase imediatamente, para a guerra.

Abismo de ideias

Até o século XIX, no entanto, os conglomerados culturais, étnicos e políticos eram orientados por modelos que eles encontraram e que definiam seus traços principais. Com o imperialismo colonial do Ocidente aumenta a rapidez no trânsito dos empréstimos e das invenções. Diferenças culturais se atenuam em proveito dos ocidentais. Não faltou no Ocidente quem tenha defendido outro modelo que não o definido na Europa, para o trato com a Ásia e a África. Leibniz² pensou o ecumenismo não apenas entre europeus, mas entre todos os povos. No caso do catolicismo, o fracasso foi evidente. Os jesuítas (apoiados por Leibniz) queriam preservar na China o culto aos ancestrais, vestes chinesas e filosofia confuciana nos ritos cristãos³. Os do-

² Gottfried Wilhelm von Leibniz (1646-1716): filósofo, cientista, matemático, diplomata e bibliotecário alemão. A ele é creditada a criação do termo “função” (1694), que usou para descrever uma quantidade relacionada a uma curva. Geralmente, juntamente com Newton, é creditado a Leibniz o desenvolvimento do cálculo moderno; em particular por seu desenvolvimento da Integral e da Regra do Produto. (Nota da IHU On-Line)

³ Matteo Ricci (1552-1610): missionário que viveu já em sua época os princípios básicos do Vaticano II, especialmente a inculturação e o diálogo inter-religioso. Depois de estudar direito em Roma, entrou na Companhia de Jesus, em 1571. Durante sua formação, interessou-se também por várias matérias científicas, como matemática, cosmologia e astronomia. Em 1577, pediu para ser enviado às missões no Leste da Ásia e, aos 24 de março de 1578, embarcava em Lisboa, chegando a Goa, capital das Índias Portuguesas, aos 13 de setembro do mesmo ano. Alguns meses depois, foi destinado para Macao, a fim de preparar sua entrada na China. Confira a entrevista realizada pela IHU On-Line com Nicolas Standaert, intitulada *O “caminho chinês”. A contribuição da China para o mundo*, disponível em <http://migre.me/11Vn3>. Confira a edição especial da

“Católicos, protestantes, islamitas condensam seus laços com o passado e reagem contra a pulverização axiológica do Ocidente”

minicanos exigiam abolir o culto aos antepassados, vestes romanas, proibição das doutrinas de Confúcio. Venceram os dominicanos e, com eles, o diálogo entre Europa e China foi obstruído até hoje. Apesar de toda a sua boa vontade, os missionários católicos e protestantes na China, no Oriente e na África, não se desvincularam dos poderes coloniais europeus. Se lembrarmos que na China os ingleses colocavam na porta de seus clubes um aviso que proibia a entrada de cães e de chineses, percebemos o abismo entre as ideias ecumênicas de Leibniz e jesuítas e a efetividade histórica.

O século XX consagra o padrão ocidental de vida, de valores, de técnicas e ciências. Leroi-Gourhan, nos seus últimos dias, se preocupava com a inusitada atenuação das diferenças culturais, em proveito dos parâmetros ocidentais. Hollywood era vista por ele como a indústria que, por meio do *star system*, impunha padrões aos demais continentes, corroendo os valores e as forças inventivas das suas culturas, obrigadas ao empréstimo pela propaganda maciça e pelas armas.

Ocidentalização

Deixemos a fábula e sigamos o adensamento populacional. As cidades, das pequenas às metrópoles, são inventos técnicos. Quanto menor um coletivo, menor número de instrumentos de comunicação, governo, cultura ele movimenta. E mais sólidos se mostram aqueles valores na mente coletiva. O campo ético, ali, é mais denso e compacto, não permite

IHU On-Line intitulada *Matteo Ricci no Império do Meio. Sob o signo da amizade*, publicada em 18-10-2010, disponível em <http://bit.ly/9o0ler>. (Nota da IHU On-Line)

desvios substanciais. Quanto maior o coletivo, mais os valores recebem matizes complexos. Chegamos ao que diz Weber⁴ sobre o politeísmo dos valores. O passo não se dá sem quebras internas nos vários sistemas culturais. O imperialismo colonial efetivou tal tarefa em séculos de imposição pelas armas, astúcias diplomáticas, controle das comunicações. Com a última revolução técnica de alcance mundial, nas trocas entre culturas, a da informática (com a internet, a TV a cabo, etc.) os padrões ocidentais, inclusive o nivelamento por baixo dos valores, anunciavam uma vitória definitiva.

Para surpresa de teóricos e políticos, coletivos não ocidentais se mostram capazes de emprestar elementos da “nossa” cultura e também de inventar ou reinventar novas formas. E mais, dentro da própria cultura ocidental se cristalizam movimentos contrários ao politeísmo dos valores. Trata-se, entre outros, do fenômeno ainda não estudado em profundidade merecida, que se afirma sob o título de fundamentalismo. Católicos, protestantes, islamitas condensam seus laços com o passado e reagem contra a pulverização axiológica do Ocidente. As grandes matrizes éticas, com uso da tecnologia mais avançada, entram em campanha contra parte do Ocidente que se expandiu desde o século XV.

Aquelas matrizes (confucionismo e budismo na China, Índia e outros; o judaísmo e o cristianismo na Europa e nas colônias europeias, além dos países eslavos; o islamismo na Índia, no Paquistão, no Oriente Médio) definem até hoje um sistema interno de valores e atos. Mas na Europa e setores

⁴ Max Weber (1864-1920): sociólogo alemão, considerado um dos fundadores da Sociologia. Ética protestante e o espírito do capitalismo (Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2004) é uma das suas mais conhecidas e importantes obras. Cem anos depois, a IHU On-Line dedicou-lhe a sua 101ª edição, de 17-05-2004, intitulada *Max Weber. A ética protestante e o espírito do capitalismo 100 anos depois*, disponível para download em <http://migre.me/30rKx>. De Max Weber o IHU publicou o *Cadernos IHU em Formação* nº 3, 2005, chamado *Max Weber - o espírito do capitalismo*. Em 10-11-2005, o professor Antônio Flávio Pierucci ministrou a conferência de encerramento do I Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia, promovido pelo IHU, intitulada *Relações e implicações da ética protestante para o capitalismo*. (Nota da IHU On-Line)

norte e sul-americanos, se firmou uma tênue camada social definida pelo que se convencionou chamar de “mundo secularizado”. Com a Renascença, as Luzes, os Estados independentes das igrejas, os valores mantidos pelas matrizes éticas mencionadas recebem corrosão virulenta. A parceria entre burgueses e líderes colonialistas, potenciada por intelectuais livres das amarras religiosas, gradativamente e com maior rapidez passou a corroer certezas coletivas que se ancoravam no Eterno ou na ordem natural.

Dissolução e estraçalhamento do indivíduo

A tarefa corrosiva conduzida pela burguesia e seus intelectuais foi descrita por Hegel e Marx⁵. Para mencionar o mundo ético, Hegel usa com frequência inquietante o termo “dissolução” (*Auflösung*). Na “Filosofia Real” ele define o elemento químico quando unido ao calor: “a matéria calórica é existência, possibilidade de difundir-se perfeitamente; os elementos já estão perfeitamente dissolvidos, carecem entre si de massa, de existência (...). Trata-se da matéria, dissolvida por si mesma (...) que existe enquanto dissolução”. Da química, Hegel vai ao orgânico e guarda o termo “dissolução”. O sangue, no animal, “é a simples dissolução que não apenas contém tudo, mas que é calor, unidade de si e da figura, o devorar-se a si mesmo. Desse modo, o organismo está tenso como indivíduo inteiro perante o exterior, tem fome e sede. É um todo

5 Karl Heinrich Marx (1818-1883): filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século XX. Marx foi estudado no *Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia*. A edição número 41 dos *Cadernos IHU Ideias*, de autoria de Leda Maria Paulani tem como título *A (anti)filosofia de Karl Marx*, disponível em <http://migre.me/s7lq>. Também sobre o autor, confira a edição número 278 da IHU On-Line, de 20-10-2008, intitulada *A financeirização do mundo e sua crise. Uma leitura a partir de Marx*, disponível para download em <http://migre.me/s7lF>. Leia, igualmente, a entrevista *Marx: os homens não são o que pensam e desejam, mas o que fazem*, concedida por Pedro de Alcântara Figueira à edição 327 da revista IHU On-Line, de 03-05-2010, disponível para download em <http://migre.me/Dt7Q>. (Nota da IHU On-Line)

que devora a si mesmo”. No mundo espiritual, humano, a concepção hegeliana do elo entre indivíduos e todo social é de unidade e compenetração. O todo só é através do singular. E o singular só no universal encontra a base de sua existência. Caso o indivíduo se apoie apenas em si mesmo, negando o universal, faz surgir o ideal. Este, por sua vez, começa a dissolver o Todo existente. O mundo ético já se encontra elaborado para o indivíduo na aparência de necessidade externa. Mas a adesão à racionalidade objetiva do Estado pode ser uma submissão simples, ou nascer de um recolhimento livre e meditado.

Ao discutir *O sobrinho de Rameau*⁶, Hegel descreve o indivíduo e seu estraçalhamento. Ali, os elementos sólidos se dissolvem numa perversão generalizada. Na vida contemporânea, diz o filósofo, “o Bem e o Mal, ou a consciência do bem e do mal, nobre e vil, são desprovidos de verdade; todos esses momentos se pervertem uns nos outros e cada um deles é o oposto de si mesmo”. No reino do “puro cultivo” o espelhamento rege indivíduos e grupos. Todos os partícipes da experiência social nela se integram de modo perverso: “exercem um para o outro uma justiça universal; cada um tornou-se estranho a si mesmo, em si mesmo, enquanto se insinua em seu oposto, e o perverte do mesmo jeito”.

A “boa consciência” quer “moralizar” o mundo. Mas, se “lamenta a dissolução (*Auflösung*) de todo esse mundo perverso, ela não pode pedir ao indivíduo que o abandone, pois o próprio Diógenes em seu tonel é por ele condicionado...”. Quem possui consciência ética do mundo sofre. E faz sofrer. É como um turbilhão dissolvente. O mundo, na sua consciência, “tem, sobre si mesmo, o sentimento mais doloroso e o olhar mais verdadeiro - o sentimento de ser a dissolução (*Auflösung*) de tudo o que se consolidava, de ser dilacerado através de todos

6 *Sobrinho de Rameau*: diálogo filosófico imaginado por Denis Diderot entre Ele (Jean-François Rameau, sobrinho do célebre músico) e Eu. Os temas recorrentes na discussão são a educação das crianças, o gênio, o dinheiro. A conversa muda de assunto a cada instante e trata também de personagens da época. Foi publicado pela primeira vez em 1805. (Nota da IHU On-Line)

os momentos de sua existência, fragmentado em todos os seus ossos. Ele é, também, a linguagem desse sentimento e do discurso espiritualoso que julga todos os lados de sua condição...”.

Paradigmas corroidos

Vejamos, em diapasão similar, o *Manifesto Comunista*⁷. Com a burguesia, “todas as relações sociais sólidas tornaram-se enferrujadas; com seu cortejo de concepções e intuições se dissolvem; as que subsistem envelhecem antes de esclerosar. Tudo o que era estabelecido e estável evapora; tudo o que era sagrado se profana. Os homens são, finalmente, constringidos a considerar com um olho desiludido o lugar que ocupam na vida e nas suas mútuas relações”.

Espero ter sugerido uma via para pensar a questão posta. Não imagino que ela explique o abismo em que nos encontramos. Mas a partir daquele ângulo é possível seguir outros, tão ou mais relevantes para se entender a pergunta. Eu mesmo desenvolvi o problema em escritos, como, por exemplo, o artigo *O sublime e o prosaico: Revolução contra reforma*⁸, ou também *A crise dos paradigmas e a emergência da reflexão ética, hoje*⁹.

Vivemos sob o signo das Luzes europeias e do etnocentrismo que ajudou a corroer paradigmas éticos milenares, no Ocidente e no Oriente. Tais paradigmas foram inventados ou emprestados. O nihilismo reside sobremodo nas culturas secularizadas do Ocidente. Nas demais partes do mundo são mantidos os modelos axiológicos antigos, mesmo que revitalizados pelas técnicas e artes (pela internet e labor científico). Um país preso a matrizes rígidas, como o Irã, não por acaso ten-

7 *Manifesto Comunista*: originalmente denominado Manifesto do Partido Comunista (em alemão: *Manifest der Kommunistischen Partei*), publicado pela primeira vez em 21 de fevereiro de 1848, é historicamente um dos tratados políticos de maior influência mundial. Comissionado pela Liga Comunista e escrito pelos teóricos fundadores do socialismo científico Karl Marx e Friedrich Engels, expressa o programa e propósitos da Liga. (Nota da IHU On-Line)

8 In: *Reforma e Revolução, Revista Brasileira de História*. 1990. (Nota do entrevistado)

9 In: *Educação e Sociedade*, número 65, 199 (Nota do entrevistado)

ta, de modo certo ou não, fabricar artefatos atômicos.

IHU On-Line - Há peculiaridades desse relativismo no caso da sociedade brasileira? Quais seriam elas?

Roberto Romano - No caso brasileiro, a franja da sociedade que se move pelos rescaldos das Luzes, da democracia liberal, do ceticismo enquanto via de pensamento, é ainda mais diminuta do que na Europa e nos EUA. Ocorre entre nós, na verdade, uma peculiar corrosão ética não alheia ao capitalismo, como nas práticas do favor que atravessam todas as relações sociais e políticas. Maria Sylvia Carvalho Franco¹⁰, em *Homens Livres na Ordem Escravocrata* mostra que no Brasil as formas violentas e corrosivas do trato social têm origem capitalista e não em supostas heranças pré-capitalistas. No mercadejo ético em que nos inserimos, o caráter dos indivíduos e grupos é corroído de alto a baixo. Aliás, uma releitura urgente, para captar os nossos dilemas coletivos, é o livro atualíssimo de Emmanuel Mounier¹¹, *O Tratado do Caráter*, infelizmente até hoje não traduzido para o vernáculo.

IHU On-Line - Qual seria o solo comum para o entendimento dos seres humanos numa sociedade com essas características niilistas?

Roberto Romano - Eu diria, não em tom de blague, que a existência numa “sociedade” assim se resumiria no enunciado posto em peça teatral tremenda, *Huis Clos*¹²: “Cada um de nós

10 Maria Sylvia de Carvalho Franco: cientista social brasileira. Na edição 165 da IHU On-Line, de 21-11-2005, intitulada *Intérpretes do Brasil: a redescoberta do Brasil como problema*, concedeu a entrevista *Violência e assistencialismo têm raízes na ordem escravocrata*, disponível para download em <http://migre.me/s95N>. A pesquisadora foi responsável pela condução da última edição do III Ciclo de Estudos sobre o Brasil, quando apresentou, no dia 24-11-2006, a obra *Homens Livres na ordem escravocrata* (São Paulo: Unesp, 1997). (Nota da IHU On-Line)

11 Emmanuel Mounier (1905-1950): filósofo francês, fundador da revista *Esprit*. Suas obras influenciaram a ideologia da democracia cristã. A edição 155 de 12-09-2005 tem como tema de capa *Emmanuel Mounier: por uma revolução personalista e comunitária*, disponível em <http://migre.me/30s20>. (Nota da IHU On-Line)

12 *Huis Clos*: peça teatral de Jean Paul Sartre, criada em 1945, e cujo significado em portu-

“Quem possui consciência ética do mundo sofre. E faz sofrer. É como um turbilhão dissolvente”

é o carrasco dos outros”. Onde... “l’enfer c’est les autres” (o inferno são os outros).

IHU On-Line - Que tipo de ética se faz necessária em nossos dias?

Roberto Romano - Claude Lefort¹³, meu orientador de doutorado falecido recentemente, escreveu um belo texto intitulado *A invenção democrática: os limites da dominação totalitária* (São Paulo Brasiliense, 1983). Recordando o esquema acima, de Gourhan, penso que precisamos de imaginação e força intelectual suficientes para inventar novas sendas éticas, não deixando de emprestar formas e valores do nosso passado e do pretérito da humanidade. Para tal faina o primeiro passo, e não faço um paradoxo, é realizar uma “époche” do que vivemos no presente. O caminho da fenomenologia ainda é um instrumento seguro para sabermos o que fazemos e pensamos. A partir da base essencial que preside nossa consciência poderemos inventar elos novos entre indivíduos, grupos, povos.

IHU On-Line - Em outra entrevista à IHU On-Line, o senhor afirmou que o Brasil é um Estado “despótico e inimigo dos direitos humanos”. Como essa afirmação se relaciona com o niilismo ético e político que vivemos em nosso país?

Roberto Romano - Nosso Estado preza mais o mercado (inclusive eleitoral) do

guês é *Entre quatro paredes*. (Nota da IHU On-Line)

13 Jean-Claude Lefort (1924-2010): filósofo francês, autor de, entre outros *A invenção democrática: os limites da dominação totalitária* (São Paulo: Brasiliense, 1983) e *Desafios da escrita política* (São Paulo: Discurso Editorial, 1999). Por ocasião de seu falecimento, a IHU On-Line entrevistou a filósofa Olgária Matos, na edição 348 da Revista IHU On-Line, de 25-10-2010, disponível em <http://migre.me/340l9> e intitulada *Claude Lefort e a invenção democrática*. (Nota da IHU On-Line)

que as pessoas. Aqui, todos são meios e raros conseguem, pagando preço altíssimo, viver consigo mesmos o segredo da consciência moral. O mercado exerce uma corrosão previsível e impiedosa em todos os setores da vida, incluindo a universidade.

IHU On-Line - Em que medida o pós-humanismo é o passaporte que concretiza essa corrosão das instituições e dos valores, iniciada séculos atrás?

Roberto Romano - Eu diria que o próprio humanismo tem sua face desumana. Mesmo autores das Luzes como Montesquieu¹⁴ e Diderot¹⁵, para não falar de Hume¹⁶ e de outros, mostram uma face etnocêntrica nada favorável aos direitos humanos. Um livro essencial para os nossos dias e reflexão, penso, é o de Laurent Estève (*Montesquieu, Rousseau, Diderot: du genre humain au bois d'Ébène, les silences du droit naturel*. Editions Unesco, 2002). Ali, notamos o quanto alguns ícones das Luzes são bastante... tenebrosos. O que se chama de pós-humanismo, no meu entender, é o disfarce de um rosto enodado de crimes, uma face de Dorian Gray¹⁷.

IHU On-Line - Para Agamben¹⁸, o cam-

14 Charles-Louis de Secondat (Barão de Montesquieu - 1689-1755): político, filósofo e escritor francês. Ficou famoso por sua Teoria da Separação dos poderes, atualmente consagrada em muitas das modernas constituições nacionais. Sua obra mais famosa é *O espírito das leis*. (Nota da IHU On-Line)

15 Denis Diderot (1713-1784): filósofo e escritor francês. A primeira peça importante da sua carreira literária é *Lettres sur les aveugles à l'usage de ceux qui voient*, em que resume a evolução do seu pensamento desde o deísmo até ao cepticismo e o materialismo ateu, o que o leva à prisão. Mas a obra da sua vida é a edição da *Encyclopédie* (1750-1772), que leva a cabo com empenho e entusiasmo apesar de alguma oposição da Igreja Católica e dos poderes estabelecidos. (Nota da IHU On-Line)

16 David Hume (1711-1776): filósofo e historiador escocês, que com Adam Smith e Thomas Reid, é uma das figuras mais importantes do chamado Iluminismo escocês. É visto, por vezes, como o terceiro e o mais radical dos chamados empiristas britânicos. A filosofia de Hume é famosa pelo seu profundo ceticismo. Entre suas obras, merece destaque o *Tratado da natureza humana*. (Nota da IHU On-Line)

17 *O Retrato de Dorian Gray*: romance publicado por Oscar Wilde, considerado um dos grandes escritores irlandeses do século XIX. (Nota da IHU On-Line)

18 Giorgio Agamben (1942): filósofo italiano. É professor da Facoltà di Design e arti della IUAV (Veneza), onde ensina Estética, e do

po de concentração é o paradigma político da modernidade. Como essa constatação nos ajuda a compreender a política praticada no Ocidente?

Roberto Romano - Eu relativizaria o enunciado. A prudência indica ser preciso buscar vários modelos para a interpretação da política ocidental.

IHU On-Line - Acredita que o projeto político da modernidade está esgotado? Por quê?

Roberto Romano - Não sabemos. E se arrisca muito quem disser algo em sentido positivo ou negativo. A “modernidade” está unida ao processo da cultura secularizada, como a indiquei acima. Trata-se de um complexo ideal e fenomênico recente na história humana. Se irá prosperar em detrimento das grandes matrizes éticas e religiosas, não sabemos.

LEIA MAIS...

>> Roberto Romano já concedeu outra entrevista à IHU On-Line. Confira.

* “O governo do Brasil retoma a ética conservadora e contrária à democracia, o que exige da Igreja o papel vicário”. Publicada nas Notícias do Dia 14-01-2008, disponível em <http://migre.me/2QJi3>;

College International de Philosophie de Paris. Sua produção centra-se nas relações entre filosofia, literatura, poesia e fundamentalmente, política. Entre suas principais obras, estão *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002); *A linguagem e a morte* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005); *Infância e história: destruição da experiência e origem da história* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006); *Estado de exceção* (São Paulo: Boitempo Editorial, 2007); *Estâncias - A palavra e o fantasma na cultura ocidental* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007); e *Profanações* (São Paulo: Boitempo Editorial, 2007). Em 04-09-2007 o site do Instituto Humanitas Unisinos - IHU publicou a entrevista Estado de exceção e biopolítica segundo Giorgio Agamben, com o filósofo Jasson da Silva Martins, disponível para download em <http://migre.me/uNk1>. A edição 236 da IHU On-Line, de 17-09-2007, publicou a entrevista “Agamben e Heidegger: o âmbito originário de uma nova experiência, ética, política e direito”, com o filósofo Fabrício Carlos Zanin. Para conferir o material, acesse <http://migre.me/uNkY>. Confira, também, a entrevista Compreender a atualidade através de Agamben, realizada com o filósofo Rossano Pecoraro, disponível para download em <http://migre.me/uNme>. A edição 81 da Revista IHU On-Line, de 27-10-2003, tem como tema de capa O Estado de exceção e a vida nua: A lei política moderna, disponível em <http://migre.me/uNo5>. (Nota da IHU On-Line)

A intransigência e os limites do compromisso

Fragilidade e incapacidade de abertura ao Outro são sintomas da intransigência moral que grassa em nossos dias, define o filósofo francês Paul Valadier. O compromisso pode ser a sua contrapartida, mas sem compactuar com a injustiça ou a imoralidade

POR MÁRCIA JUNGES | TRADUÇÃO BENNO DISCHINGER

“**A** atitude intransigente que insiste em afirmar como invariáveis e inegociáveis os próprios princípios fundamentais, é sinal de uma fragilidade interna e de uma incapacidade de abrir-se à presença do Outro”. O diagnóstico é do filósofo francês Paul Valadier, padre jesuíta, na entrevista que concedeu por e-mail à IHU On-Line. Segundo ele, “a intransigência fundamentalista desemboca, assim, para o imoralismo mais escandaloso, embora ela mesmo diga que é incapaz de dirigir um olhar sobre si mesma e de reconhecer seus próprios erros, tendendo mesmo a condenar aqueles que não compartilham de seu ponto de vista unilateral e contestável”. O resultado é que “cada um se fixa sobre suas próprias certezas, um modo de se defender contra o que se julga serem agressões vindas do outro ou contestações da própria maneira de fazer”. O compromisso seria a contrapartida para a intransigência, mas este anda em maus lençóis atualmente, afirma Valadier: “o homem do compromisso, dir-se-á, brinca com o demônio cedendo com demasiada facilidade em suas convicções. Ele compactua com a injustiça, o deixar ser ou acontecer, o conformismo ambiental, a imoralidade comum. Ele se deixa deslizar num desfiladeiro que só pode conduzi-lo de compromisso em compromisso, até compactuar com o mal. Ser-lhe-á repreendido o fato de justificar o mal em nome do bem ou de referir-se a valores aparentemente incontestáveis, mas que ocultam condutas mais que suspeitas”.

Valadier é professor de filosofia moral e política nas Faculdades Jesuítas de Paris (Centre Sèvres). É licenciado em Filosofia pela Sorbonne, mestre e doutor em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Lyon. Foi redator da revista *Études* e é autor de uma vasta bibliografia. Sobre Nietzsche escreveu, entre outros livros, *Nietzsche et la critique du christianisme* (Paris: Cerf, 1974); *Essais sur la modernité, Nietzsche et Marx* (Paris: Cerf, 1974); *Nietzsche, l'athée de rigueur* (Paris: DDB, 1989); e *Nietzsche l'intempestif* (Paris: Beauchesne, 2000). Foi conferencista no **Simpósio Internacional O Futuro da Autonomia. Uma sociedade de indivíduos?**, com as conferências *A moral após o individualismo e O futuro da autonomia do indivíduo, política e niilismo*. A esse respeito, confira o artigo *O futuro da autonomia do indivíduo, política e niilismo: leitura filosófica e teológica*, publicado na coletânea *O futuro da autonomia: uma sociedade de indivíduos* (Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Leopoldo: Unisinos, 2009). No dia 13-08-2009, convidado pelo Instituto Humanitas Unisinos - IHU, ele proferiu a conferência *Narrar Deus no horizonte do niilismo*. Paul Valadier escreveu, também, *La part des choses. Compromis et intransigeance* (Paris: Lethielleux - Groupe DDB, 2010), e em português *Élogio da consciência* (São Leopoldo: Unisinos, 2001). Confira a entrevista.